
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

A enformação do sujeito pela palavra amorosa do outro

The constitution of the subject by the loving word of the other

Mara Rubia Rodrigues Freitas^{1*}

 <https://orcid.org/0009-0006-6551-9251>

Resumo: Para ser humano não basta ser dado à luz. É preciso ser pressuposto, visto, falado, antecipado como *um alguém* onde ainda há apenas *um algo* - um corpo em sua contingência. No processo de constituição do ser humano pelo encontro com o olhar e o dizer alheios, no entrechoque dos afetos que ali emergem, múltiplas vozes se tensionam, porém uma chamou nossa atenção pela potência civilizatória, orientada para gerar e nutrir a vida: a enformação de um sujeito pela palavra de amor de outro sujeito. Diante da “absoluta necessidade estética do outro”, no dizer de Bakhtin, atravessada pela presunção de que “amar é dar aquilo que não se tem”, na fala de Lacan, o que propomos é refletir sobre a constituição da subjetividade pela alteridade, na encruzilhada de duas abordagens: a ética bakhtiniana, assentada na singularidade responsiva, e a psicanálise lacaniana, fundada no reconhecimento do desejo. Quanto ao método de condução desta reflexão teórico-especulativa, ele consiste em duas etapas: evocação do Círculo de Bakhtin e de Jacques Lacan para iluminar dialogicamente conceitos e dinâmicas constitutivas do sujeito, da linguagem e do amor; reflexões sobre o processo de constituição-reconhecimento do sujeito pela via da palavra amorosa do outro.

Palavras-chave: Sujeito; Alteridade; Palavra de amor; Bakhtin; Lacan

Abstract: *To be a human being, it's not enough to be born. It is necessary to be presupposed, seen, spoken, anticipated as a someone where there is still only one something - a body in its contingency. In the process of constitution of the human being by the encounter with the looking and the saying of others, in the clash of affections that emerge there, multiple voices are tense, but one is special for this civilizing power, oriented to generate and nourish life: the constitution of a subject for another subject's word of love. Faced with the “absolute aesthetic need of the other”, according to Bakhtin, crossed by the presumption that “to love is to give what you don't have”, according to Lacan, we propose to think about the constitution of subjectivity through alterity, according two approaches: Bakhtinian ethics, based on responsive singularity, and Lacanian psychoanalysis, founded on the recognition of desire. The method of this theoretical-speculative reflection consists of two steps: evocation of the Bakhtin Circle and Jacques Lacan to dialogically analyze concepts and constitutive dynamics of subject, language and love; reflections on the process of constitution-recognition of the subject through the loving word of the other.*

Keywords: *Subject; Alterity; Word of love; Bakhtin; Lacan*

^{1*} Doutoranda em Letras pela PUCRS com bolsa parcial Capes. E-mail: mara.freitas@edu.pucrs.br.

Palavras iniciais

Para ser humano não basta ser dado à luz, ser posto no mundo. É preciso ser pressuposto, ser visto, falado, antecipado como um alguém onde ainda há apenas um algo - um corpo em sua absoluta contingência. No processo de constituição do homem² pelo encontro com o olhar e o dizer alheios, no entrecchoque dos afetos que ali emergem, múltiplas vozes se tensionam, porém uma merece nossa atenção pela sua potência radicalmente civilizatória, potência orientada para gerar e nutrir a vida: a enformação de um sujeito pela via da palavra de amor de outro sujeito.

É especialmente pela enformação amorosa daqueles que nos vêm receber à porta desta existência que cruzamos o limiar para a vida humana. O amor com que cada parte e cada movimento do nosso corpo é inscrito no fio do grande tempo pela palavra dos que nos cercam permite a nós nos crermos indivíduos e, assim, encarnarmos a nós mesmos no ato ético e estético de viver. Fora da palavra de amor do outro, pouco ou nada sabemos de amar. Tampouco de ser.

Diante dessa “absoluta necessidade estética do outro”, no dizer de Bakhtin³, atravessada pela presunção de que “amar é dar aquilo que não se tem”, na fala de Lacan⁴, o que aqui nos propomos é refletir sobre a dinâmica da enformação do sujeito pela via da palavra amorosa do outro, na encruzilhada de duas abordagens de constituição da subjetividade pela alteridade – a ética bakhtiniana, assentada na singularidade responsiva, e a psicanálise lacaniana, fundada no reconhecimento do desejo.

É importante, de antemão, marcar também o que não nos propomos neste trabalho. Não trataremos questões de filiação do pensamento bakhtiniano ao materialismo dialético de Marx, assim como não evocaremos Freud na voz de Lacan. Muito embora sejam flagrantes os ecos marxista e freudiano em diversos pontos deste trabalho, as referências que trazemos se atêm exclusivamente ao que o Círculo de Bakhtin e Jacques Lacan enunciaram já de forma elaborada em sua produção, dentro do recorte de pesquisa ora referenciado.

² Ao longo deste artigo, a palavra *homem* será empregada no sentido de *ser humano*.

³ BAKHTIN, Mikhail. “O autor e a personagem na atividade estética”. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 33.

⁴ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8: a transferência*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1960-1961) 1992, p. 345.

Quanto ao método de condução desta reflexão teórico-especulativa, ele consiste em duas etapas: a evocação do Círculo de Bakhtin e de Jacques Lacan para iluminar dialogicamente conceitos e dinâmicas constitutivas do sujeito, da linguagem e do amor; reflexões sobre o processo de constituição-reconhecimento do sujeito pela via da palavra amorosa do outro.

As reflexões que se seguem estão dispostas nas seções *2 Acabamento e inacabamento do ser humano - o dado e o dado a realizar*; *3 O sujeito como efeito de linguagem e responsividade ética*; *4 A dialética do dom - entre o desejo e o amor*; *5 A enformação do sujeito pela palavra amorosa do outro*. Culminam as ponderações na sessão *6 Palavras finais*.

Acabamento e inacabamento do ser - o dado e o dado a realizar

Nas palavras de Bakhtin, é pela via do outro e pela nossa própria que somos dados a nós incompleto, para vir-a-ser. Embora o olhar do outro dê uma espécie de acabamento estético à nossa imagem na consciência dele, e esse acabamento reverbera na nossa própria autoconsciência, as bordas com que o outro nos delinea não abarcam o todo do que somos em uma palavra final. Ao contrário, cada traço desse estrangeiro de nós, e que inicialmente estranhemos, nos abre espaços por dentro, novas trilhas na direção de um *tornar-me eu mesmo* cujo processo, contudo, jamais é levado a termo. A consciência é, por assim dizer, um devir, incapaz de dar a última palavra sobre si mesma, incapaz de se fechar ao dialogismo com a palavra alheia. Se o outro nos apreende como ser-evento, datado e situado entre limites sócio-históricos, isso é da ordem do ato enunciativo de viver a vida, de cada enunciado tangível que partilhamos num instante sem igual. A nossa autoconsciência, todavia, é de outra ordem; ela é um projetar-se de improviso na direção do ato, lançar-se na direção do outro. Ser humano é um vir-a-ser humano.

Se a linguagem é constitutiva da consciência na medida em que é por meio do ato enunciativo concreto e situado sócio-historicamente que nos relacionamos com o outro, que somos nomeados e nomeamos, que respondemos e nos posicionamos valorativamente em meio à tensão de inúmeras vozes sociais que nos transcendem o nascimento e a morte, então é útil aqui evocar Lacan para dialogar com o ser em devir

bakhtiniano, especialmente sobre por que a consciência não pode dar a última palavra sobre si mesma.

Antes de começar, um breve resgate sobre o que é linguagem para Lacan. Inspirado nas estruturas elementares de parentesco de Lévi-Strauss, as quais revelaram que a exogamia não é natural à espécie humana e, por conseguinte, o incesto é uma proibição artificial, portanto uma lei social, Lacan desenvolveu a noção de ordem simbólica, lançando mão da noção de estrutura socialmente construída como ordem em que se manifestam permissões e interdições. Dado que a ordem simbólica é puramente formal, trata de convenções com base nas quais se podem estabelecer relações estruturantes do pensamento, tais como causa e consequência, substituição, encadeamento, etc., qual seria a ordem simbólica por excelência nas relações entre os sujeitos senão a própria linguagem? Além disso, a ordem simbólica, ou a linguagem, vem de onde senão do outro em nossas trocas sociais? É, portanto, em função desse estado da arte que, em termos lacanianos, a linguagem é designada como *grande Outro*, ou simplesmente *Outro* (grafado com inicial maiúscula) para diferir daquele outro (em minúscula) com o qual nos relacionamos na vida prática.

[o Outro] não é um sistema do mundo, é um sistema de referência de nossa experiência - ela se estrutura assim, e é no interior disso que podemos situar as diversas manifestações fenomênicas com as quais lidamos. Não compreendemos nada aí se não levamos a sério essa estrutura.⁵

Do Outro, a Lacan interessa mais o significante (a imagem acústica que lhe chamou a atenção no signo linguístico de Saussure, a própria evocação descolada do referente objetal) do que o significado (o conceito que, uma vez unido ao significante, produz o signo saussuriano), visto que a matéria viva da linguagem, o que nos chega para nomear e constituir, o chega por meio da fala do outro, da enunciação de evocações encadeadas. Essas cadeias de significantes se formam também por tensionamentos internos e cambiantes de acordo com as elaborações do sujeito a partir de sua mitologia pessoal. Nesse sentido, não há significante em si, mas em relação a outro significante.

Retomando nossa reflexão bakhtiniana sobre por que a consciência não pode dar a última palavra sobre si mesma, aproximá-la do conceito de sujeito laciano é útil.

⁵ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Aluísio Meneses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1955-1956) 2008, p. 90.

Lacan afirma que o sujeito pode ser nomeado pelo Outro, e essa nomeação lhe é constitutiva, todavia o sujeito não é um significante. O sujeito desliza na cadeia da fala, se mostra como um efeito de linguagem no intervalo entre os significantes. Avancemos: a função do significante é representar o sujeito para outro significante e, considerando que os encadeamentos falados são sempre singulares (uma entrada extraoficial em Bakhtin?), essa plasticidade do efeito torna o sujeito igualmente singular e inapreensível por um significado definitivo (se não *a posteriori*, muito menos *a priori*). Deste breve exercício dialógico, podemos depreender que a consciência (bakhtiniana) é o infindo vir-a-ser de um sujeito (lacaniano) que não é substancial, mas intervalar, ser da linguagem e na linguagem naquilo que ela tem de visceral, a tensão entre as vozes significantes que ecoam através do Outro social.

(...) eu me acho no existir (passividade) e eu participo dele ativamente; eu também sou dado a mim mesmo, tanto como dado, quanto como o que me é dado para realizar; a minha singularidade é dada, mas ao mesmo tempo ela existe apenas na medida em que é realmente atualizada por mim como singularidade.⁶

Ser dado a si mesmo em relativa passividade e, ao mesmo tempo, *ser dado a realizar* a si mesmo em franca atividade pode soar como um paradoxo, quando não o é absolutamente. O que aqui se põe é a natureza dialógica do ser humano, este bípede com um pé na cultura, que o nomeia e situa sócio-historicamente, e outro pé na resposta emotivo-volitiva singular que ele dá às vozes sociais presentificadas em cada encontro com o outro. Neste ponto, evocar o conceito lacaniano de extimidade é útil para iluminar o dialogismo do binário *universal-particular*, se o extrapolarmos para o eixo *exterior-interior* do sujeito.

Extimidade é um neologismo (dialógico?...) que Lacan cunhou para se referir àquilo que a subjetividade tem de mais íntimo (as nomeações constitutivas de nós e dos objetos) e, ao mesmo tempo, mais exterior (as nomeações não brotam de nós, mas vêm da linguagem, da ordem simbólica, do Outro). É essa modelagem do sujeito pela linguagem que o faz estruturar o mundo e a si mesmo dentro de um campo alienado, o campo do Outro. Um realce pertinente a reiterar: encontrar-se dentro de um campo estrutural ou de um fluxo sócio-histórico não implica coincidir com ele, pois nem a lei nem a história dão conta de dar acabamento ao indivíduo, assujeitando-o – este é um

⁶ BAKHTIN, Mikhail. “O autor e a personagem na atividade estética”. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, (1922-1924) 2011.

entendimento do qual tanto Lacan quanto Bakhtin comungam nas dialéticas que estabelecem entre subjetividade e alteridade.

Tomando a extimidade lacaniana em relação dialógica com a estética bakhtiniana (tão misturada que é esta à vida vivida), tomemos licença para nos projetar em *O autor e a personagem na atividade estética*⁷: o outro, que me mira com seus olhos sempre voltados para frente e para fora, tem acesso a elementos que são da minha imagem, mas são invisíveis para mim: o plano de fundo que emoldura e contingencia os meus gestos mais autônomos, as leves contrações da minha boca que denunciam o que as minhas palavras teimam em desdizer, os meus olhos inundados das respostas que lhe antecipo. Tudo isso o outro captura, e mais: a minha forma objetual em meio aos outros objetos do ambiente concreto-sensorial, o meu tamanho, a sombra que deixei para trás, a distância que tomei do lugar de onde vim. De fato, ele vê de mim algo que eu não vejo, e me responde sob a forma de uma imagem una e estabilizada que me diz: este é você. Tão poderosa é essa imagem exterior que ele me dá, que a incorporo à minha intimidade. Mas, assim como um espelho não é mais que um ponto de vista de um observador externo, o outro não vê tudo de mim; e o que vê, o faz ao modo de um reflexo que passa por dentro de dele mesmo, uma imago produzida por um circuito de empatia (ele me penetra para ver com meus olhos), de distanciamento (ele retorna ao seu próprio ponto de mira) e de um excedente de visão (dele sobre mim, que me integra a um cenário para o qual sou parcialmente cego). Desse circuito empatia-exotopia-excedente de visão que nos une, surge em um *eu* que até então não existia, um *eu* relacional e relacionado ao ato singular e irrepetível do nosso encontro. Contudo, mais um reparo: unir não implica fazer coincidir com o outro, não significa fundir, porque algo (para não dizer muito) sempre escapa à imagem: aquilo que, do meu autovivenciamento, não emerge para superfície refletiva do ato.

O que seria esse algo do sujeito que escapa ao Outro?

Talvez uma reflexão sobre ética nos auxilie. Assumindo o ato de viver a vida como o grande ato de respondermos ao mundo com singular e inabdicável responsabilidade, a próxima seção traz questões sobre o sujeito como ser de linguagem e sua relação com a responsabilidade.

O sujeito como efeito de linguagem e responsividade ética

⁷ *Ibidem.*

Tal como os olhos do outro, também os nossos estão voltados para fora e adiante de nós, encravados na fronteira de nossas órbitas, assim continua a nos dizer Bakhtin⁸. Com os nossos olhos, não podemos divisar os limites da nossa personalidade ou estabilizar as bordas da nossa imagem interior. É a partir do nosso reflexo no outro, e da legitimação da nossa imago pelos signos do Outro, que percebemos a nós mesmos. É a partir das respostas que o outro/Outro nos devolve que formamos uma crença sobre nossa persona, nosso valor e as condutas que devemos seguir ou abandonar. Valor, nesta perspectiva, também nada tem de substância, nada tem a ver com algo imutável e idêntico a si mesmo, a ser revelado no final de uma jornada de autoconhecimento introspectivo. Valor, ao contrário, é essencialmente relacional e tensional com o outro/Outro e com os afetos que ele nos suscita – estranhamento, angústia, ódio, amor, etc.

Relação e tensão aqui são pontos chave, pois os valores que vêm do Outro não colonizam simplesmente o território da nossa consciência, expatriando dali os valores da nossa autovivência. Longe disso. Trata-se sim de um encontro que se afigura mais como uma espécie de pororoca onde pululam relações dialógicas em que o atravessamento de múltiplas vozes, ora convergentes, ora divergentes, acaba por dar nascimento, pela palavra-alheia, à palavra-nossa-alheia e, por fim, à palavra-nossa.

As falas fundadoras que envolvem o sujeito são tudo aquilo que o constituiu, os pais, os vizinhos, a estrutura inteira da comunidade, e que não só o constituiu como símbolo, mas o constituiu em seu ser. São leis de nomenclatura que determinam – pelo menos até um certo ponto - e canalizam as alianças a partir das quais os seres humanos copulam entre si e acabam criando, não apenas outros símbolos, mas também seres reais, que, ao virem ao mundo, têm imediatamente esta pequena etiqueta que é o sobrenome, símbolo essencial no que diz respeito a seu quinhão.⁹

Tal como em Bakhtin, para Lacan não há sujeito substancial, como já o vimos. O sujeito não é dado, mas construído na dialética da alteridade como uma posição em relação ao outro, ou melhor, aos atos de reconhecimento de seu desejo nomeado pelo Outro. Podemos dizer, portanto que, se o sujeito se instala na existência pela via da linguagem, isso se dá em função de um ato responsivo do outro, nos moldes bakhtinianos, isto é, pela palavra alheia com a qual esse sujeito é inscrito na cadeia de

⁸ *Ibidem*.

⁹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Marie Christine Laznik Penot e Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1954-1955)1995, p.31.

enunciados que o precederam e que a ele se seguirão sempre prenes de respostas e tensões, inserido no fluxo dialógico das vozes sociais que constituem a própria ordem simbólica que marca as relações de troca humanas.

Uma vez que o reconhecimento do sujeito pelo outro passa inevitavelmente pela tensão dialógica do encontro atualizado em cada ato enunciativo, é útil resgatar em Lacan o ponto central desse tensionamento: o estranhamento de ambos em relação aos seus desejos, que não coincidem e que não podem ser abarcados totalmente pelas demandas que circulam por dentro da linguagem. Mas o que a psicanálise lacaniana conceitua como desejo e demanda e que tensão há entre ambas? Avancemos um pouco mais, assumindo de antemão que “o sujeito não satisfaz simplesmente um desejo, mas goza por desejar, e essa é uma dimensão essencial do seu gozo”¹⁰.

Segundo Dunker¹¹ e Pereira¹², o desejo não é propriamente um ato bem-sucedido de alcançar o objeto perdido, mas sim um fracassar ao mirar uma idealização que nos leva além, para mais um passo, mais um ato. Está mais para um movimento, um circuito ao redor de uma falta, um processo atravessado pelo outro/Outro em dois aspectos fundamentais: na exteriorização e no estranhamento. Exteriorização, pois projetamos como desejo do outro algo que, no entanto, somos nós que desejamos; estranhamento devido à nossa dificuldade em reconhecer o nosso próprio desejo, raiz das nossas projeções no desejo do outro. Em última análise, o desejo do sujeito é o desejo do desejo do outro, uma vez que, apesar de se deslocar entre diversos objetos ao longo da vida, o que de fato desejamos é que o outro deseje. O quê? O nosso próprio desejo - coincidência fadada ao insucesso, mas que nos mantém em atividade, atualização, ato, devir metonímico. Uma emaranhada relação dialógica entre duas vozes altamente tensionais, diria Bakhtin diante dessa dinâmica.

Pois bem, se o meu desejo é possuir o desejo do outro sob a forma de objetos, essa objetivação se dá por meio de quê, senão da linguagem, da enunciação? Tal é o

¹⁰ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1957-1958)1999, p.325.

¹¹ FALANDO NISSO 107 - DEMANDA, DESEJO E ALIENAÇÃO EM LACAN. Apresentação de Christian Dunker. São Paulo, 2017. 1 vídeo (7 min.). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLIhtOfVK-2MDEMG9JPnpIQx3EkYlZW9p>. Acesso em 04/02/2022.

¹² DEMANDA E DESEJO. In: Seminário de leitura introdução aos conceitos fundamentais da psicanálise. Apresentação de Mário Eduardo Costa Pereira. São Paulo, 2021. 1 vídeo (1h. 18min.). Publicado pelo canal Corpo Freudiano Instituto de Psicanálise São Paulo. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=xZmlHEPVn_4&list=PLIhtOfVK-2MDEMG9JPnpIQx3EkYlZW9p&index=8. Acesso em 09/02/2022.

campo da demanda, este processo de alienação do desejo do sujeito ao campo do Outro, já que os significantes e as formas simbólicas vêm da alteridade, da lei sócio-historicamente estabelecida. Se o desejo opera por metonímia (os objetos se sucedem em significantes, mas apenas como formas de evocar o mesmo desejo), a demanda opera por metáfora, na tentativa de estabilizar o significante em um significado que capture o que o outro quer de mim para me querer. Um reparo: demanda não é pedido. Demanda é o que do inconsciente atravessa o pedido enunciado, naquilo que se pede mas igualmente no que se oferta, na interpretação do outro sobre o sujeito e seu pedido (o *eu-para-o-outro* na arquitetônica bakhtiniana?) e, ao mesmo tempo, na interpretação do sujeito sobre o outro (o *outro-para-mim* na mesma arquitetônica). Segundo Miranda¹³, entre a necessidade (do corpo, fisiológica) e a demanda (a articulação simbólica da necessidade), resta o desejo como movimento nunca saciado. Se, por um lado, “a palavra é essa roda de moinho por onde incessantemente o desejo humano se mediatiza, entrando no sistema da linguagem”¹⁴, por outro lado, “eu te peço que recuses o que te ofereço porque não é isso”¹⁵, pois o que oferecemos no subsolo dos nossos enunciados são as nossas demandas, mas elas não são o nosso desejo, senão uma borda que lhe faz perímetro. O desejo é do campo do sujeito, a demanda é do campo do Outro. Mais uma relação dialógica intrincada entre o eu-para-mim e o eu-para-o-outro da arquitetônica bakhtiniana, diante do qual não é possível (tampouco desejável?) qualquer superação.

Recapitulando mais este exercício dialógico entre Bakhtin e Lacan, podemos afirmar que o sujeito se instala no ato da vida vivida como efeito de uma responsividade para com o Outro; e a voz deste, a voz da ordem simbólica, tensiona com a voz da autovivência porque ambas não coincidem, porque os desejos dos sujeitos não coincidem entre si, e tampouco coincidem com o que é possível transitar pela demanda, pela palavra sempre alheia em alguma medida, por mais que nos apropriemos dela, ou por ela sejamos apropriados. Se a linguagem nos morde, algo jamais cessa de não caber na sua mordedura, algo como um resto que caduca - outro aforismo lacaniano para o

¹³ DEMANDA E DESEJO 1. Apresentação de Hélio Miranda Jr. Belo Horizonte, 2011. 1 vídeo (11min.). Publicado pelo canal Hélio Miranda Jr. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kMM9h9OgSks&list=PLlhtOfVK2MDEMG9JPnpIQx3EkYlZW9p&index=5>. Acesso em 08/02/2022.

¹⁴ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1953-1954)1996, p. 208.

¹⁵ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de M. D. MAGNO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1972-1973)1985, p. 171.

objeto causa do desejo, segundo Simões¹⁶, mas que aqui nos pode remeter à pedra angular da ética bakhtiniana: o não-álibi no ser.

Deixar-nos morder pela palavra-alheia, temperados na fogueira dialógica dos tantos discursos que nos habitam com suas forças centrípetas, a nos acomodar no mesmo, e centrífugas, a nos desafiar ao novo, todo esse mover-se responsivo é também um ato de responsabilidade. Nos intervalos entre as vozes, por entre as quais se insurgem as demandas que recheiam os nossos enunciados mais prosaicos, ali habita o sujeito desejante. Este mesmo sujeito que, embora tendo o seu desejo alienado aos significantes do Outro, não cessa de responder emotivo-volitivamente ao outro/Outro, não cessa de assumir o peso de se afirmar valorativamente com base no que lhe há de mais inabdicável: a sua emoção e a sua vontade, encarnações de sua condição desejante, em um ato singular e concreto que jamais se repetirá no tempo e no espaço. O ato ético para o qual não há álibi na existência assim o é porque a afirmação de todo valor, inclusive o autovalor, implica reconhecer e afirmar o próprio desejo.

Na prática, este ato da decisão originária, da afirmação do valor, se situa naturalmente além das fronteiras de cada consciência viva: toda consciência viva encontra os valores culturais como já dados a ela, e toda a sua atividade se resume a reconhecer a sua validade para si. Isso significa que o experimentar uma experiência e o tom emotivo-volitivo podem adquirir a sua unidade somente na unidade da cultura, e que fora dela são casuais.¹⁷

Aqui Bakhtin reverbera em Lacan no conceito de grande Outro, de ordem simbólica a qual, apesar de alienar o sujeito a leis de troca sociais, é avessa ao total assujeitamento do homem pela cultura. O sujeito lacaniano, constituído na alteridade tanto quanto o bakhtiniano, faz transitar pela linguagem a sua demanda, de fato, mas o simbólico somente pode colonizar o sujeito na medida em que ele assim o permita. Se substituirmos linguagem por verdade, ambas como construtos culturais de base sócio-histórico-simbólica, a dinâmica não se altera: a verdade categórica e universal da cultura (ístina em Bakhtin) somente desce do céu estrelado da abstração e aterrissa na vida concreta quando o simples mortal de carne e osso o consente. E consentir por quê? Porque, quando a verdade se encarna como legítima e legitimadora do ato de viver a

¹⁶ O OBJETO A EM LACAN #30. Apresentação de Alexandre Simões. Brasil, 2017. 1 vídeo (17 min.). Publicado pelo canal Alexandre Simões Psicanalista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JHHnW-5MATo&list=PLIhtOfVK-2MAxamL9MIleHBncSa6-SafB&index=12>. Acesso em 16/02/2022.

¹⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, (1920-1924) 2010, p. 85.

vida cotidiana (*pravda* em Bakhtin), ela se faz veículo para dar curso ao desejo do sujeito. Não se trata aqui obviamente de criar verdades em nome da satisfação de anseios (sejam prosaicos, sejam poéticos), mas, antes, assumir a verdade que permita ao desejo ser reconhecido como o que, de fato, é: uma falta constitutiva e metonímica, um devir que, ao fazer circuito em torno de objetos provisórios, diz do sujeito quem ele é, e que é ele quem habita o centro do ato.

A dialética do dom - entre o desejo e o amor

Posso experimentar o amor do outro por mim, posso desejar ser amado, posso imaginar e prever o amor do outro por mim, mas não posso amar a mim mesmo como se amasse o outro, de forma imediata (...) esse reconhecimento me chega de cima, como um dom concedido pelos outros.¹⁸

O que intervém na relação de amor, o que é demandado como signo de amor nunca passa de alguma coisa que só vale como signo. Ou, para ir ainda mais adiante, não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem.¹⁹

Vivemos tempos de elogio da autoestima, uma autoestima decerto banalizada pelo senso comum, propagandeada como uma espécie de medida protetiva do sujeito nos relacionamentos com o outro. Talvez nem na época em que os discípulos de Jesus Cristo pregavam de porta em porta, o “ama o próximo como a ti mesmo” tenha ecoado tão distorcido nas rodas de conversa, nas terapias de pronta-entrega, na cultura de massa. O mandamento agora é amar a si como condição de identidade para amar o outro, na crença de que fazer isso nos garantirá certa taxa de sucesso nas relações com a família, os amigos, o cônjuge, etc. A questão que vale a pena vasculhar, a esta altura, é de onde vem esse autoamor capaz de balizar o amor pelo outro. Não viria justamente da alteridade, como nos provoca Bakhtin, dado que nossa afirmação valorativa orientada para o exterior em vez do interior nos faz carentes do espelhamento na imagem/palavra alheia? E, em sendo signo, como nos diz Lacan, não teria o amor fatalmente sua origem no Outro, na circulação de um ordenamento simbólico cuja base é, na verdade, a contingência humana em relação ao outro? Não seria o amor algo a se aprender, a se construir dialogicamente na tensão entre o desejo próprio e o desejo do outro? Para

¹⁸ BAKHTIN, Mikhail. “O autor e a personagem na atividade estética”. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, (1922-1924) 2011, p. 44 - 46.

¹⁹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1956-1957)1995, p.142.

iluminar essas questões, principiamos pela dialética do dom segundo a psicanálise lacaniana.

De acordo com Dunker²⁰ Lacan se inspira nas três leis de Marcel Mauss, que regem as estruturas sociais – dar, receber e retribuir – para articular uma dialética do dom, que se dá entre o desejo e o amor. Nascemos como seres extremamente vulneráveis e, portanto, totalmente dependentes da assistência do outro; para sobrevivermos, carecemos de que o outro ali esteja para nós, com o alimento, o calor, o colo, as palavras que nos constituem. Mas o outro tem afazeres e necessidades pessoais (se alimentar, tomar um banho, trabalhar, etc.) que o fazem diversas vezes nos deixar no berço por um tempo, sem o seio materno por um tempo. Por conta desses períodos de falta (do seio, por exemplo), a mãe passa da condição de objeto (a fonte do leite) para a condição de outro sujeito, que possui desejos dos quais não fazemos parte, que se afigura como “potência de doação do objeto, já que a doação pode ocorrer ou não. Nesse momento se estabelece a dialética do dom, em que o objeto pode operar em ausência ou presença a partir do desejo do outro, da potência do outro”.²¹

Inicialmente, a criança lê a dialética do dom, a alternância entre ausência e presença dos pais (potências doadoras de objetos) através do signo do amor. Não se trata apenas de o outro satisfazer suas necessidades, mas de estar disposto a fazer isso. A criança percebe então que, nas trocas, há algo para além do eu, do outro e do objeto; algo que é da ordem da vontade do outro e que é apreendido como amor. Esse *a mais de doar* rege as trocas sociais amorosas, caso contrário haveria apenas trocas utilitárias.

No correr das trocas amorosas em que está inserida, a criança também passa a manifestar retribuição, tanto por meio de si mesma (ela retribui o abraço, o sorriso, o olhar) quanto por meio de objetos (ela oferece desenhos, rabiscos, pequenos presentes ao outro). É nesse sentido que o amor é um construto que se dá no campo das trocas entre sujeitos, mas cujo objeto de troca transcende o imediato do eu-outro, para se inscrever no simbólico do dom.

O amor distingue-se do desejo, considerado como relação-limite que se estabelece de todo organismo ao objeto que o satisfaz. Porque seu ponto de mira não é a satisfação,

²⁰ FALANDO NISSO 258 - DOM E SEMBLANTE EM LACAN. Apresentação de Christian Dunker. São Paulo, 2019. 1 vídeo (14 min.). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qrNV_HdkQUA. Acesso em 15/05/2022.

²¹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1956-1957)1995, p. 68.

mas o ser. É por isto que não se pode falar de amor senão onde a relação simbólica existe como tal.²².

O dom, como essa potência (responsiva?) do outro nas trocas, funciona ainda como uma espécie de modulador da demanda. Se demandar é o ato de fazer transitar pela linguagem algo do desejo, o modo como esse ato se dá é do campo do dom. Quando entregamos ao outro a nossa demanda, podemos fazê-lo de diversas formas - pedindo, ordenando, suplicando... a depender do que compreendemos como probabilidade mais ou menos favorável de o outro nos atender.

Na dialética do dom, o sujeito “dá alguma coisa de uma maneira gratuita, na medida em que, por detrás do que ele dá, existe tudo o que lhe falta”²³. No dom, junto ao objeto, o sujeito dá a si mesmo, ou seja, um ser contingente, fundado no desejo faltante. Nessa perspectiva, a amorosidade é o que permite que o desejo transite por meio das contingências compartilhadas, que a falta que nos move na direção do ser amado suporte (e até mesmo goze com) o fato de que ele jamais a suprirá, pois a falta também lhe é constitutiva. O dom da amorosidade é o que permite que, infiltrado nos objetos trocados entre o eu e o outro, se insurjam os sujeitos com as suas faltas e potências.

Como fechamento do nosso recorte teórico, que consistiu na experimentação dialógica entre falas de Bakhtin e de Lacan, chegamos a uma composição de sujeito fundado pela alteridade, mas não coincidente com ela; um ser sem alibi na existência, pois que é movido pelo desejo e, em nome deste, responde com sua emoção e sua vontade; um ser de linguagem situado como evento singular no tempo e no espaço, mas, ao mesmo tempo, um vir-a-ser para quem não há palavra capaz de dar acabamento, dado que a linguagem é do Outro, da cultura, da sociedade, mas o desejo é da ordem de um movimento ao redor de uma falta que sempre se desloca em metonímias infundáveis.

Se o que fizemos até aqui foi pastorear o objeto de reflexão deste artigo, assim o fizemos para dar à luz algumas questões que vamos desenvolver na próxima seção, onde falaremos das palavras de amor, ou melhor, da enformação do sujeito pela via da palavra amorosa do outro.

A enformação do sujeito pela palavra amorosa do outro

²² LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1953-1954)1996, p. 314.

²³ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1956-1957)1995, p. 143.

Quando somos bebês, na nossa esmagadora vulnerabilidade em relação ao que nos cerca, não temos consciência do que sentimos. Elevações no nível de tensão do nosso corpo ocorrem a todo instante, o que pode ser fome, sede, dor, frio, etc., mas não o sabemos (ao menos não conscientemente). Apenas percebemos o desequilíbrio e reagimos. Como ainda nos falta a capacidade cognitiva de montar cenas a partir de nossas experiências com o ambiente, reagimos aos estímulos de forma imediata. Ainda não temos condições de estabelecer qualquer narrativa e tampouco comparar ou fazer escolhas (isso demandaria operações em uma linguagem que ainda não possuímos). Mas já nesses primeiros instantes de vida, somos responsivos ao outro. Embora mais ao modo de um arco reflexo, anterior à linguagem como estrutura formal ou atividade intersubjetiva, nós respondemos aos estímulos do mundo (este outro que já o é antes mesmo de o sabermos). Aqui situamos, em termos psicanalíticos rudimentares, a pré-história da responsividade bakhtiniana.

Dependentes que somos do colo e do seio materno²⁴, ele é para nós o mundo inteiro e a ele respondemos com o nosso corpo que, por enquanto, sabe apenas chorar. Com base nessa responsividade imediata, nessa reação reflexa, se dá um vital processo de aprendizado sobre o mundo, e que ficará gravado em nosso inconsciente como *um saber que não se sabe* (lacanianamente falando): aprendemos o que é presença e ausência do outro, vivenciamos essa alternância como amparo e desamparo em uma dialética por meio da qual reconhecemos a nós mesmos como sujeitos a partir do querer do outro, do seu querer estar conosco, nos acolher, nos amar. Afinal, como nos diz Bakhtin, se o outro se demora em nós, ele não o faz senão em nome do amor:

O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorarmos sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade.²⁵

Ainda que a marca da perspectiva estética seja o acabamento do objeto para que suas bordas possibilitem destacá-lo do plano de fundo, tanto na citação anterior quanto no campo da vida vivida (no qual situamos este exercício especulativo) *amor*

²⁴ Neste artigo, são empregados metonimicamente: colo como tudo o que remete a abrigo e acolhimento; seio como o que nutre, não apenas do ponto de vista físico; materno e mãe quanto à função de quem se dedica a cuidar do bebê, independentemente do vínculo parental ou do gênero.

²⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, (1920-1924) 2010, p. 125.

esteticamente produtivo supera a conclusibilidade e, portanto, não implica imobilizar o ser amado em uma imagem completa e definitiva. Ao contrário, para referir o ser humano como o centro da vida real, como eixo da arquetônica relacional eu-outro, Bakhtin assenta a singularidade do homem no fato de que ele é uma “realidade concreta amorosamente afirmada”²⁶. Nesse sentido, o amor enforma sem conformar, afirma sem confinar, abrindo espaços de fecundidade para o sujeito em seu vir-a-ser desejante.

Por outro lado, obviamente amor é uma palavra que vai muito além de ocupar uma posição de amparado-desamparado condicionada à boa vontade do outro em relação a nós, mas esse recorte se afigura como uma voz que dialoga, por exemplo, com a “atenção amorosamente interessada” que Bakhtin²⁷ afirma ser a única força capaz de “abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo”. Aqui o grifo nosso recai sobre a palavra *interessada* por um motivo especial: na dialética primitiva de nossa relação com a alteridade, amor e interesse estão imbricados. Por conseguinte, a atenção amorosa do outro por nós, a sua palavra de amor, é força poderosa o suficiente (ainda que não única) para nos levar a permitir sermos colonizados pela linguagem do Outro. Não esqueçamos: cada vez que nos deixamos nomear, uma vez nomeados, aceitamos a lei das trocas simbólicas.

Amor, poderosa palavra-passe para a aceitação da lei – é plausível pensar assim se tivermos em mente que a lei nos diz o que é permitido, mas sobretudo o que é interdito. Uma vez que, ao nascermos, já temos o sim (a presença do outro), a lei nos vem apresentar *o não* (a ausência do outro). Mas em nome de que aceitar uma lei que é portadora de tensão para nós, senão em nome de uma palavra amorosa que nos enforma e, ao enformar, nos garante nada menos do que a sobrevivência no colo e no seio? Estamos diante de um dialogismo primordial (mas não exaustivo, reiteramos), que se instaura com o surgimento da lei, essa voz outra que se opõe à voz do nosso desejo em possuir o desejo do outro, e nos faz responder. Já não é possível vislumbrar, nesta incipiente história de uma arquetônica do eu-outro, o embrião do acento de valor como resposta emotivo-volitiva?

Quando nos referimos a acento de valor, é útil não perder de vista que valorar é *valorar algo*, portanto, implica uma relação objetual. Nessa perspectiva, Volóchinov²⁸

²⁶ *Ibidem*, p. 123.

²⁷ *Ibidem*, p. 124.

²⁸ VOLÓCHINOV, Valentim. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, (1929) 2017, p. 110.

nos adverte que nem todos os objetos da realidade adquirem status de signo, mas somente aqueles que, do ponto de vista da participação no mundo das trocas sociais, são relevantes para serem nomeados por determinado grupo, somente aqueles objetos que, “de algum modo, toquem, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo”. Se considerarmos o par mãe-bebê como um microcosmo social, pertencente e circunscrito, é claro, a ordens sociais gradativamente maiores (família, nacionalidade, tradição, etc.), percebemos novamente a porta de entrada da palavra de amor na enformação do sujeito, dado que a base da existência desse ser prematuro toca o objeto provedor do alimento, do calor, do abrigo e do dom – o outro na função materna. Esse objeto-mãe é merecedor de tornar-se signo e mais: por conta da sua potência de prover ou não de acordo com o seu desejo, ele não é signo de objeto, mas signo de sujeito, instaurador da alteridade. E ainda mais: se esse sujeito nomeia a mim, ao meu corpo e ao meu desejo, quando me torno palavras na sua boca, eu nasço como ser humano na cultura, como voz na cadeia de enunciados da linguagem para muito além do nosso microcosmo, e em cujos significantes (ressoando em meus ouvidos desacostumados) me transformo em um alguém que ouve ativamente e compreende responsivamente.

Ainda neste binário mãe-bebê, é útil evocar dois conceitos bakhtinianos desenvolvidos na obra *Os gêneros do discurso*. O primeiro é o próprio conceito de gênero como tipo relativamente estável de enunciado, o que nos leva a considerar a fala da mãe durante os cuidados com o bebê como um gênero de contornos bastante evidentes, como o tom de voz suavizado (e mesmo cantarolado) e o amplo emprego do grau diminutivo, por exemplo. Esse gênero discursivo afetuoso, que é a marca do dom em termos lacanianos, decerto é catalisador de uma maior aceitação da ordem simbólica por parte de criança, e um balizador sociológico de sua responsividade. A segunda reflexão sobre *Os gêneros* trata da alternância de sujeitos como marca de conclusão dos enunciados, pois, para que haja o câmbio, é preciso o reconhecimento mútuo entre esses sujeitos, postos ou pressupostos. O fato é que, ao se reconhecer destinatário da palavra amorosa da mãe (sobre a sua perninha, a sua barriguinha e outros hipocorísticos que Bakhtin menciona em *O autor e a personagem...*), a criança tem a materialidade na qual ancorar a sua compreensão ativamente responsiva e, por conseguinte, a construção de sua própria subjetividade.

A unidade do mundo da visão estética não é uma unidade de sentido, não é uma unidade sistemática, mas uma unidade concretamente arquitetônica, que se dispõe ao redor de um centro concreto de valores que é pensado, visto, amado.²⁹

Pela perspectiva (não apenas estética, mas ética) de uma arquitetura da subjetividade fundada no ato enunciativo concreto, o sujeito em formação que está no centro do ato, ali está com o seu corpo em tensão com o corpo do outro, com o seu desejo em estranhamento com o desejo do outro. Nessa dinâmica entre o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*, o amor é, de fato, um modalizador da tensão dialógica entre as vozes de cada um dos atores envolvidos. Interessante aqui retomar de Lacan o conceito de demanda, ou seja, aquilo que, do desejo, é possível expressar por meio da linguagem. Dado o caráter insuficiente da palavra para dar conta do *eu-para-mim*, é flagrante a tensão que se produz no nosso sujeito em constituição: por um lado, ele deseja possuir o desejo do outro, mas isso lhe é interdito; por outro lado, o que resta ao sujeito é demandar ao Outro nada menos do que amor, este dom alheio por excelência que, se não é capaz de satisfazer o desejo, traça ao redor deste um circuito de compensações e deslocamentos entre objetos metafóricos.

Enfim, se toda demanda é demanda de amor, e se nos constituímos (do início ao final de nossas vidas) por dentro da linguagem nessa arquitetura eu-outro, a enformação amorosa requer que ouçamos do outro a palavra de amor, não uma vez, mas embutida em cada enunciado. A palavra de amor que não significa responder com um *sim* a tudo o que vem do outro, mas acolhê-lo como ser humano em permanente tensão dialógica, reconhecer que o desejo que nos move a ambos, antes de nos fazer estrangeiros, nos faz filhos da mesma dinâmica desejante, irmãos na mesma impossibilidade de dizer tudo sobre a falta que nos funda.

Palavras finais

A enformação do sujeito não se dá apenas pela palavra amorosa do outro, de fato. Na qualidade de seres humanos, somos tessitura de tantos fios quantos são os afetos que nos imprimem os encontros e desencontros da vida vivida. À imagem de nossos corpos encarnados no ato singular de viver, somos feitos de dor e gozo, de temor e fúria, de ternura e crueldade, de tonalidades contrastantes e zonas cinzentas que

²⁹ BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, (1920-1924) 2010, p. 121.

povoam o cotidiano, a arte e a ciência desde os tempos antes dos tempos. Somos feitos sobretudo das respostas éticas e estéticas que damos à contingência que marca a nossa existência. E das respostas que emprenhamos no mundo. Somos feitos de fato e valor, e do universo simbólico que orbita ao redor.

Mas, para levar a bom termo uma reflexão, é preciso fazer um recorte e, se aqui elegemos o amor como afeto enformador, foi por acreditar na sua ilimitada potência gerativa de vida, com a qual talvez rivalize apenas a potência degenerativa do ódio.

Pois, uma vez eleita a amorosidade como ponto de vista para analisar o processo de constituição da subjetividade na alteridade, empreendemos um percurso dialógico entre Bakhtin e Lacan que nos possibilitou vislumbrar uma fecunda responsividade no pensamento de ambos, especialmente no que se refere a condições e consequências da palavra de amor recebida do outro nas trocas sociais constitutivas do sujeito. Colocar face a face o sujeito falante e o sujeito desejanste, o tom emotivo-volitivo e o circuito desejo-demanda, a atenção amorosa e a dialética do dom, a tríade empatia-exotopia-excedente de visão e a extimidade, a linguagem-atividade e a ordem simbólica, entre outros pares conceituais bakhtiniano-lacanianos, toda essa experimentação nos permitiu ver com mais clareza de que modo a amorosidade encarnada na palavra se põe como valor afirmativo do nosso nascimento como seres humanos, seres de linguagem. E a título de bônus, nos deparamos ainda com uma dialética dialógica entre desejo e dom e amorosidade, pela qual pudemos ver o quão além dos objetos vão as nossas trocas enunciativas, o quanto de subjetividade penetra a objetividade ilusoriamente perseguida pela nossa fala, o quão preches de respostas são as nossas faltas se nos permitimos compartilhá-las.

A vivência deste percurso, e as inumeráveis perguntas que ora nos rondam, é o que esperamos ter compartilhado com você, que chegou até este ponto da leitura.

Como reflexão final sobre a dinâmica de enformação amorosa, não podemos perder de vista o quanto o amor, como valor ética e esteticamente afirmado, vive dentro da palavra falada e, em assim sendo, o quanto sua existência depende da enunciação.

Por isso, o amor, em todas as suas manifestações, é algo não somente da ordem do realizado, mas principalmente da ordem do dito.

Por isso é inescapavelmente necessitante³⁰ dizer “eu te amo” com a palavra plena de fato e valor.

Referências bibliográficas e audiovisuais

AMORIM, Marília. “Para uma filosofia do ato: válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, (1920-1924) 2010.

BAKHTIN, Mikhail. “O autor e a personagem na atividade estética”. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, (1922-1924) 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, (1952-1953) 2016.

FALANDO NISSO 107 - DEMANDA, DESEJO E ALIENAÇÃO EM LACAN. Apresentação de Christian Dunker. São Paulo, 2017. 1 vídeo (7 min.). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLIhtOfVK-2MDEMgG9JPnpIQx3EkYlZW9p>. Acesso em 04/02/2022.

FALANDO NISSO 43 – QUAL É A DIFERENÇA ENTRE DESEJO, PULSÃO E GOZO. Apresentação de Christian Dunker. São Paulo, 2016. 1 vídeo (5 min.). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4MJJaH5RoqkE&list=PLIhtOfVK-2MDEMgG9JPnpIQx3EkYlZW9p&index=10>. Acesso em 08/02/2022.

FALANDO NISSO 258 - DOM E SEMBLANTE EM LACAN. Apresentação de Christian Dunker. São Paulo, 2019. 1 vídeo (14 min.). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qrNV_HdkQUA. Acesso em 15/05/2022.

DEMANDA E DESEJO 1. Apresentação de Hélio Miranda Jr. Belo Horizonte, 2011. 1 vídeo (11 min.). Publicado pelo canal Hélio Miranda Jr. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kMM9h9OgSks&list=PLIhtOfVK-2MDEMgG9JPnpIQx3EkYlZW9p&index=5>. Acesso em 08/02/2022

DEMANDA E DESEJO. In: Seminário de leitura introdução aos conceitos fundamentais da psicanálise. Apresentação de Mário Eduardo Costa Pereira. São Paulo, 2021. 1 vídeo (1h. 18min.). Publicado pelo canal Corpo Freudiano Instituto de Psicanálise São Paulo. Disponível em

³⁰ Do francês *nécessitance*, obrigação proveniente de uma convicção interior, neologismo que Marília Amorim tomou emprestado de Ghislaine Bardet. (AMORIM, 2009).

https://www.youtube.com/watch?v=xZmlHEPVn_4&list=PLIhtOfVK-2MDEMgG9JPn_pIQx3EkYlZW9p&index=8. Acesso em 09/02/2022.

O OBJETO A EM LACAN #30. Apresentação de Alexandre Simões. Brasil, 2017. 1 vídeo (17 min.). Publicado pelo canal Alexandre Simões Psicanalista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lHHnW-5MATo&list=PLIhtOfVK-2MAXamL9MIIeHBNcSa6-SafB&index=12>. Acesso em 16/02/2022.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1953-1954)1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Marie Christine Laznik Penot e Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1954-1955)1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Aluísio Meneses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1955-1956) 2008.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1956-1957)1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1957-1958)1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8: a transferência*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1960-1961)1992.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Texto estabelecido por MILLER, J.A. Tradução de M. D. MAGNO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1972-1973)1985.

VOLÓCHINOV, Valentim. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, (1929) 2017.

Recebido em: fevereiro de 2023

aprovado em: julho de 2023